

Editorial: Transições em tempos de policrise

Fabio Vinicius de Macedo Bergamo^{1 2} 

¹ Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vit. da Conquista – Bahia – Brasil

² Departamento de Educação à Distância – Centro Universitário Adventista de São Paulo – Eng. Coelho – São Paulo – Brasil

Citação deste Artigo (ABNT)

BERGAMO, Fabio V. M. Editorial: Economia Digital, Desafios Laborais e Governança Econômica em Perspectiva **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. v.22, n.3, 5-8, 2025.

Autor para Correspondência

Fabio Vinicius de M. Bergamo
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
Estr. Bem Querer, Km 4. Caixa Postal 95, CEP: 45.031-900
Vitória da Conquista - BA
fabio.bergamo@uesb.edu.br



Copyright: © 2025 do autor.

This article is an open access article distributed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license.

Resumo

Este editorial propõe a noção de policrise como lente para compreender o desenvolvimento no pós-pandemia, quando choques deixam de ser episódicos e passam a interagir em cascata. Policrise é definida como um regime de interdependência entre crises geopolíticas, econômicas, climáticas e tecnológicas, cujo efeito combinado excede a soma dos impactos isolados, com consequências desproporcionais para o Sul Global. Nesse contexto, desenvolvimento é reconfigurado como agenda de transições: mudanças sistêmicas em infraestruturas, mercados, políticas públicas e relações de trabalho, sob incerteza e disputa distributiva, exigindo coordenação multiescalar e experimentação. Com essa moldura, o texto apresenta os seis artigos da edição, que tratam de mobilidade urbana inteligente e qualidade de vida; interdisciplinaridade nas intervenções urbanas; turismo e indicadores de desenvolvimento local em Iguai-BA; competitividade do café brasileiro (1960–2019); direitos trabalhistas nos e-sports; e exploração/superexploração do trabalho.

Palavras-Chave: Policrise. Transições. Desenvolvimento. Sul Global. Trabalho e regulação.

Abstract

This editorial advances polycrisis as a lens to interpret post-pandemic development in a world where shocks no longer arrive as isolated events but as interacting, cascading pressures. Polycrisis is defined as an interdependent regime in which geopolitical tensions, cost-of-living inflation, debt constraints, climate extremes, food insecurity, displacement, and digital vulnerabilities mutually amplify one another, with disproportionate consequences for the Global South. Under such conditions, development is reframed as an agenda of transitions—systemic sociotechnical reconfigurations across urban life, productive sectors, and labour relations—often pursued through experimentation and multi-level governance. Building on this frame, the editorial introduces the issue's six articles, spanning smart mobility and quality of life, interdisciplinary urban thought and intervention, local development via tourism indicators, Brazilian coffee competitiveness (1960–2019), labour rights in e-sports, and debates on exploitation and superexploitation. Together, they invite readers to examine how development paths are collectively reorganized amid polycrisis.

Keywords: Polycrisis. Transitions. Development. Global South. Labour and regulation.

A primeira vez que me deparei com a expressão **policrise** foi ao ler o Global Risks Report do Fórum Econômico Mundial (WEF, 2023). Era um momento em que o mundo ainda tateava a recuperação no pós-pandemia. A escolha daquele termo me chamou atenção não apenas pela força retórica, mas pela precisão com que capturava uma sensação difusa daquele período: a de que as crises deixavam de ser excepcionais, separadas e episódicas, e se tornavam persistentes, caracterizadas por choques simultâneos e mutuamente amplificadores.

A partir daí, a pergunta que passou a me acompanhar foi menos sobre *quando voltaremos ao normal* e mais sobre *como se reorganiza o desenvolvimento social e humano quando a própria ideia de estabilidade se fragiliza*. Trata-se de vislumbrar uma realidade em que a gestão do presente ocorre na expectativa de novas rupturas e o futuro parece exigir instituições, políticas e práticas capazes de operar não apesar das crises, mas com a existência delas.

Em seu uso contemporâneo, a expressão policrise tem sido empregada para designar um encadeamento de crises simultâneas que não apenas coexistem, mas interagem de modo cumulativo e escalatório, produzindo efeitos sistêmicos superiores ao somatório de suas partes. No Global Risks Report 2023, o Fórum Econômico Mundial descreve esse cenário como aquele em que “crises díspares interagem” e, por isso, “o impacto geral excede em muito a soma” de cada uma delas isoladamente (WEF, 2023, p. 9). Adam Tooze, um dos disseminadores do termo, reforça essa ideia ao propor que policrise não é mero acúmulo de problemas, mas uma configuração em que as interdependências tornam o todo mais perigoso do que as parcelas, deslocando a análise do inventário de crises para a dinâmica de suas conexões (Tooze, 2022).

Em chave mais sistematizada, Mark *et al.* (2025) caracterizam a policrise como um estado de riscos complexos e interconectados entre múltiplos sistemas e regiões, com tendência a efeitos em cascata e agravamento de vulnerabilidades. Isso explica por que recuperações se tornam breves ou incompletas: a janela de recomposição é continuamente interrompida por novos choques que se retroalimentam. Tal visão ajuda a nomear um mecanismo que muitos de nós já percebemos empiricamente: os novos choques não se sucedem em fila, mas se acoplam em rede entre sistemas (economia, política, ecologia, saúde, infraestrutura), de tal modo que a perturbação em um domínio configura vulnerabilidades em outros e, frequentemente, devolve pressão ao domínio original. Essa combinação funciona como um regime de interdependências, em que respostas setoriais (por exemplo, política monetária, subsídios energéticos, controle de fronteiras, restrições comerciais) podem mitigar um ponto e,

inadvertidamente, agravar outro, reduzindo a resiliência agregada e encurtando ciclos de recuperação (Mark *et al.*, 2025).

Quando olhamos o período pós-pandêmico com essa lente, a lista de choques é extensa e, sobretudo, relacional: efeitos persistentes da pandemia na saúde pública, no mercado de trabalho e na organização de cadeias globais; conflitos e tensões geopolíticas com consequências econômicas e humanitárias; inflação e crise do custo de vida; aperto monetário e encarecimento do crédito; deterioração fiscal e escalada do serviço da dívida; eventos climáticos extremos (secas, enchentes, ondas de calor) com perdas produtivas; insegurança alimentar e nutricional; deslocamentos forçados e crises migratórias; riscos cibernéticos e vulnerabilidades digitais; precarização e disputas regulatórias em novos mercados de trabalho (inclusive no ecossistema digital).

O ponto decisivo, para o Sul Global, é que tais choques frequentemente chegam em forma de crises de alimento, renda e orçamento público. Observa-se uma divergência, a crise alimentar em países de baixa e média renda e a crise energética em países de alta renda, no rastro do choque de preços associado à guerra na Ucrânia (UNDP, 2022). O Banco Mundial mostra de que maneira o serviço da dívida externa atingiu níveis recordes, comprimindo espaço fiscal em áreas críticas do desenvolvimento (World Bank, 2024).

É perceptível o encadeamento de fatos que estabelecem a policrise: clima extremo reduz produção e renda, o que pressiona preços e alimentação; conseqüentemente, ampliam-se tensões sociais e deslocamentos, fazendo que os governos aumentem gasto emergencial e risco soberano, o que encarece crédito, restringe políticas públicas e retroalimenta vulnerabilidades estruturais. Evidências empíricas desse acoplamento aparecem, por exemplo, nos achados do *Global Report on Food Crises 2025*, segundo os quais, conflito, choques econômicos, extremos climáticos e deslocamento forçado constituem vetores combinados de insegurança alimentar, com mais de 295 milhões de pessoas em estado de fome aguda em 2024 (FSIN; GNAFC, 2025; FAO, 2025).

Em paralelo, percebe-se que os impactos de extremos climáticos sobre segurança alimentar e meios de vida são especialmente severos em regiões do Sul Global (IPCC, 2022). No plano demográfico-territorial, registraram-se 83,4 milhões de pessoas em deslocamento interno no fim de 2024, um patamar recorde que, novamente, conversa com pobreza, instabilidade e clima. Todas essas são causas de vulnerabilidade social que se reforçam (IDMC, 2025), ou seja, dizem respeito a um regime de interdependências de crises!

Desenvolvimento e a policrise: pensando em transições

Se a policrise nos força a reconhecer que as crises não se sucedem apenas em série, mas se entrelaçam e se amplificam mutuamente (Mark *et al.*, 2025), o desenvolvimento sai da condição de narrativa linear de progresso e passa a ser, inevitavelmente, uma agenda de transições: mudanças estruturais, em ritmos distintos, em sistemas urbanos, produtivos, laborais, tecnológicos e territoriais. Os questionamentos ampliam-se: não se trata apenas de saber *como crescer* ou *como recuperar*, mas *como orientar transformações que reconfigurem capacidades sociais* (bem-estar, direitos, oportunidades) em meio a pressões persistentes e assimétricas sobre o Sul Global (Loorbach; Frantzeskaki; Avelino, 2017; Lawhon; Murphy, 2012).

A literatura contemporânea sobre transições (no campo de *sustainability transitions*) oferece-nos uma chave conceitual adequada para pensar “desenvolvimento” em tempos de policrise: trata-se de compreender mudanças profundas em sistemas sociotécnicos (infraestruturas, mercados, políticas, cultura e práticas) marcados por dependências de trajetória e por disputas distributivas (isto é, transições não são neutras, pois reorganizam custos, benefícios e poderes). Nessa tradição, a Multi-Level Perspective (MLP) descreve de que maneira pressões de contexto, regimes estabelecidos e nichos de inovação interagem e, em certos momentos, reconfiguram o modo pelo qual a sociedade presta funções como mobilidade, alimentação, energia e trabalho (El Bilali, 2019).

No plano mais operativo, cresce a ênfase na experimentação como estratégia de mudança sob incerteza, com iniciativas inclusivas – orientadas a problemas – que promovem aprendizagem social e inovação sistêmica (Sengers; Wiczorek; Raven, 2019). No debate urbano, isso aparece de forma nítida nos *urban living labs* e nas agendas de transição que articulam governança, escalabilidade e desafios dos ODS (Von Wirth *et al.*, 2019; Kabisch *et al.*, 2019). Sob a lente das transições como reconfiguração sistêmica e do desenvolvimento enquanto coordenação multi-escala, em meio a choques interdependentes, passamos, na próxima seção, a apresentar os artigos desta edição e suas contribuições para pensar e disputar caminhos possíveis de transformação social.

Caminhos de transição

Nesta edição dos CCSA, reunimos seis trabalhos que, apesar de analisarem objetos distintos, convergem para o mesmo problema: saber como as sociedades organizam o desenvolvimento em diferentes escalas, em meio a transições aceleradas e a choques que se

retroalimentam. No plano urbano, em que a vida cotidiana torna visíveis as tensões entre infraestrutura, bem-estar e governança, o artigo “Mobilidade urbana inteligente: perspectivas da qualidade de vida”, de Sávio Mendes e colegas, investiga a promessa contemporânea de soluções inteligentes e seus desdobramentos para a experiência urbana, enquanto “Trajetória do pensamento e das intervenções nas cidades ao longo do tempo: da abordagem disciplinar à necessidade interdisciplinar”, de Noan Salatti, recoloca, com densidade histórica e epistemológica, a exigência de leitura interdisciplinar para compreender e intervir na complexidade das cidades.

Em seguida, o eixo do desenvolvimento se desdobra em dinâmicas territoriais e produtivas: “Turismo e desenvolvimento local: uma análise com base em indicadores socioeconômicos do município de Iguai, Bahia”, de José Antônio Silva e Marisa Santos, articula economia, indicadores e realidade municipal, ao passo que Amarildo Lima, em “Eficiência e competitividade do café brasileiro no comércio internacional, entre 1960 e 2019”, desloca o olhar para a escala macro e histórica da inserção do país em mercados globais.

Por fim, a edição enfatiza que toda transição tem um custo social e uma disputa normativa: Arielle Batista e colegas apresentam “E-sports e direitos trabalhistas: a necessidade de regulamentação para cyber-atletas”, em que discutem as zonas cinzentas da economia digital e a urgência regulatória diante de novas formas de trabalho. Continuando nessa seara, Carlos Nascimento e colegas, em “Exploração e superexploração dos assalariados”, reforçam a perspectiva crítica indispensável para avaliar quem ganha, quem perde e quais desigualdades são reproduzidas quando se fala em desenvolvimento.

Lidas em conjunto, essas pesquisas sugerem que, em tempos de policrise, o desenvolvimento não pode mais ser tratado como uma linha contínua de progresso, mas na qualidade de processo permanentemente tensionado por choques interdependentes, disputas distributivas e limitações institucionais. Justamente por isso, a noção de transição se torna central, trazendo o debate da promessa abstrata de modernização para uma análise concreta de como as cidades, territórios, setores produtivos e formas de trabalho modificam-se. Ao reunir agendas que vão do urbano ao internacional e do econômico ao social, esta edição convida o leitor a reconhecer que a principal questão contemporânea talvez não seja apenas crescer, mas reorganizar coletivamente os caminhos do desenvolvimento com responsabilidade pública, densidade analítica e atenção às consequências humanas de cada escolha.

Referências

- EL BILALI, Hamid. The Multi-Level Perspective in Research on Sustainability Transitions in Agriculture and Food Systems: A Systematic Review. **Agriculture**, v.9, n.4, 2019. DOI: 10.3390/agriculture9040074.
- FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Acute food insecurity and malnutrition rise for sixth consecutive year in world's most fragile regions**. 16 maio 2025. Disponível em: <https://www.fao.org/newsroom/detail/acute-food-insecurity-and-malnutrition-rise-for-sixth-consecutive-year-in-world-s-most-fragile-regions---new-report/en>. Acesso em 08/11/2025.
- FSIN – FOOD SECURITY INFORMATION NETWORK; GNAFC – GLOBAL NETWORK AGAINST FOOD CRISES. **Global Report on Food Crises (GRFC) 2025**. Roma, 2025. DOI: 10.71958/wfp130793
- IDMC – INTERNAL DISPLACEMENT MONITORING CENTRE. **Global Report on Internal Displacement 2025: Summary**. 2025.
- IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Fact sheet – Food and Water (AR6, WGII – Impacts, Adaptation and Vulnerability)**. 2022. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/outreach/IPCC_AR6_WGII_FactSheet_FoodAndWater.pdf. Acesso em 08/11/2025.
- KABISCH, Sigrun; FINNVEDEN, Göran; KRATOCHVIL, Petr; SENDI, Richard; SMAGACZ-POZIEMSKA, Marta; MATOS, Rafaela; BYLUND, Jonas. New Urban Transitions towards Sustainability: Addressing SDG Challenges. **Sustainability**, v. 11, n. 8, 2019. DOI: 10.3390/su11082242.
- LAWHON, Mary; MURPHY, James T. Socio-technical regimes and sustainability transitions: Insights from political ecology. **Progress in Human Geography**, v. 36, n. 3, p. 354–378, 2012. DOI: 10.1177/0309132511427960.
- LOORBACH, Derk; FRANTZESKAKI, Niki; AVELINO, Flor. Sustainability Transitions Research: Transforming Science and Practice for Societal Change. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 42, p. 599–626, 2017. DOI: 10.1146/annurev-environ-102014-021340.
- MARK, Sienna; HOLDER, Samantha; HOYER, Daniel; SCHOONOVER, Rod; ALDRICH, Daniel P. Understanding polycrisis: definitions, applications, and responses. **Global Sustainability**, v. 8, e35, 2025. DOI: 10.1017/sus.2025.10018.
- SENGERS, Frans; WIECZOREK, Anna J.; RAVEN, Rob. Experimenting for sustainability transitions: A systematic literature review. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 145, p. 153–164, 2019. DOI: 10.1016/j.techfore.2016.08.031.
- TOOZE, Adam. **Defining polycrisis – from crisis pictures to the crisis matrix**. 24 jun. 2022. Disponível em: <https://adamtooze.substack.com/p/chartbook-130-defining-polycrisis>. Acesso em 08/11/2025.
- UNDP – UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Cost-of-living Crisis Update: Diverging Food and Energy Prices, Diverging Policy Responses**. 2022.
- VON WIRTH, Timo; FUENFSCHILLING, Lea; FRANTZESKAKI, Niki; COENEN, Lars. Impacts of urban living labs on sustainability transitions: mechanisms and strategies for systemic change through experimentation. **European Planning Studies**, v. 27, n. 2, p.229–257, 2019. DOI: 10.1080/09654313.2018.1504895.
- WORLD ECONOMIC FORUM. **The Global Risks Report**. 18.ed. Relatório. 2023.
- WORLD BANK. **Developing Countries Paid Record \$1.4 Trillion on Foreign Debt in 2023**. Press release, 3 dez. 2024. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2024/12/03/developing-countries-paid-record-1-4-trillion-on-foreign-debt-in-2023>. Acesso em 08/11/2025.

Prof. Dr. Fabio Vinicius de Macedo Bergamo é doutor e mestre em administração. Leciona disciplinas na área de comunicação e pesquisa científica no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas na UESB. Também é coordenador do Observatório de Marketing da UESB, laboratório onde desenvolve pesquisas sobre Marketing e Decolonização. Além disso, é professor dos cursos da área de gestão do Centro Universitário Adventista de São Paulo, onde também coordena o GESTAR – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Emergentes para Administração e Responsabilidade Corporativa. Dr. Bergamo é um dos editores-chefes dos Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5228-2519>